

Comentário do Gestor

Durante o mês de abril, muito se discutiu sobre o potencial declínio do excepcionalismo americano, em virtude do anúncio do governo, em 2 de abril, da aplicação de tarifas comerciais a todos, inclusive aliados. Tal tática de discussão levou os ativos americanos a performances negativas, tanto bolsa, como renda fixa e dólar. Após negociações heterodoxas e duras com seus aliados, investidores começaram a se posicionar em ativos de outros países desenvolvidos, como ativos europeus, para diluir um pouco a exposição ao risco norte-americano e à possível desaceleração de sua economia. Em linha com a expectativa de desaceleração da atividade americana, o petróleo teve queda de 20% no mês, enquanto, diante da elevação das tensões geopolíticas, o ouro continuou sua escalada, atingindo novas máximas, com avanço de 5,3%.

A curva americana de juros continuou movimento de inclinação durante o mês, reagindo a temores de desaceleração da atividade americana, com o vencimento de dois anos recuando 28 pontos-base (pbs), a 3,60%, devido à precificação de mais cortes de juros em 2025 e o de dez anos, fechando 5 pbs, a 4,16%. O mercado de renda-fixa apresentou performance mista: o CDS brasileiro (considerado “risco país”) fechou 6 pbs, para 180 pbs, e o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento (*US High Yield*), em forte abertura, indo de 376 pbs para 408 pbs. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) desvalorizou 4,6% no mês, seguindo movimento do mês passado, e em linha com a valorização de 4,7% do euro, que registrou sua performance mensal mais forte contra o dólar americano em quase 15 anos.

Nos mercados acionários internacionais, o índice S&P 500 apresentou recuo de 0,8%, enquanto o Nasdaq avançou 0,9%, devido à retomada do preço das ações de tecnologia, após péssima performance no mês anterior. Em sintonia com o clima de instabilidade, o índice de volatilidade do S&P 500 (VIX) ascendeu de 22,28 para 24,70 em abril. No Brasil, houve continuação da melhora, devido à menor exposição ao imbróglio tarifário, com o Ibovespa avançando 3,7% e o BRL valorizando 0,6%. No México, bolsa avançou 7,2% e peso mexicano apreciou 4,4%.

A hegemonia global dos Estados Unidos vem sendo colocada em dúvida, o que se reflete na queda de ativos americanos em geral, como desvalorização do dólar frente a outras moedas, queda das bolsas e venda de *Treasuries*. Parece insustentável manter as tarifas nos níveis atuais e indicações mais recentes mostram vontade de negociação com a China. Os indicadores de confiança tiveram queda expressiva durante o mês, e o PIB teve leitura negativa, a -0,3% t/t anualizado no 1T25, ante consenso de -0,2% t/t anualizado, principalmente devido ao adiantamento de importações.

No *front* inflacionário norte-americano, o PCE, índice preferido do Fed, desacelerou de 2,7%

a/a em fevereiro para 2,3% a/a em março, ante consenso de 2,2% a/a. O núcleo do índice também recuou, de 3,0% a/a para 2,6% a/a, em linha com o consenso do mercado. Já o CPI veio abaixo do consenso, ao cair de 2,8% a/a para 2,4% a/a, abaixo do consenso de 2,5% a/a, enquanto seu núcleo recuou de 3,1% a/a para 2,8% a/a, ante consenso de 3,0% a/a. Enquanto a inflação desacelera, o mercado de trabalho mostra força, com as leituras recentes mostrando resiliência. Assim, em declarações mais recentes, membros do FOMC pontuam receios e incertezas relacionadas às tarifas, e se comprometem a uma abordagem parcimoniosa ao decidir algum movimento de corte de juros.

O movimento de venda de ativos americanos para compra de ativos de baixo risco, em especial europeus, foi a marca registrada do mês. Euro continuou valorizando frente ao dólar americano, com perspectiva de retomada econômica do continente europeu e devido ao potencial declínio da hegemonia americana.

No Brasil, o noticiário externo continua a guiar o movimento dos ativos locais, e o projeto de IR isento até renda mensal de R\$ 5 mil parece ser a questão central da agenda econômica deste ano, com consenso quanto ao mérito principal da proposta, mas com os mecanismos de compensação fiscal ainda pendentes. Declarações mais recentes de congressistas influentes dizem que a compensação sugerida pelo Governo é excessiva e propuseram alternativas fiscalmente não-factíveis, o que pode levar à aprovação de uma lei fiscalmente irresponsável.

Em termos de atividade econômica local, produção industrial e vendas no varejo ratificam a pujança da economia brasileira. No fiscal, os números vieram, mais uma vez, acima das expectativas, com despesas marginalmente menores, e grande parte da melhora vindo de uma postergação do pagamento de precatórios, que será feito ainda em 2025, mas em meses posteriores àqueles dos pagamentos referentes a 2024. O COPOM continua em seu processo de contração monetária, mas deve estar em seus últimos atos, com mercado dividido entre mais uma alta em junho ou fim do ciclo na reunião de maio mesmo. Mesmo com inflação acima do limite superior da meta, mercado na curva de juros precifica um BC mais expansionista.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 0,12% no mês, ante CDI de 1,06%, com as maiores contribuições positivas para performance do fundo sendo as estratégias de Caixa (0,19%), Bonds Soberanos (0,18%) e Bonds Corporativos (0,08%), e a maior negativa a estratégia de *US Treasuries* (-0,21%). Nos últimos 12 meses, a cota do fundo valorizou 11,23%, contra um CDI de 11,45%, equivalente a 98% do CDI ou CDI - 0,20%. A volatilidade para esse mesmo período foi de 2,92%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,3 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 7,29% em dólares. As maiores posições do fundo são: Aegea, Brasil (soberano), Colômbia (soberano), Cosan e México (soberano).

OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado II FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Crédito Privado Master FIM IE, que tem como objetivo rendimentos superiores ao CDI no longo prazo, através de investimentos em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	62,10%	53,58%	116%
Últimos 12 meses	11,79%	11,45%	103%
abr-25	0,16%	1,06%	15%
mar-25	0,67%	0,96%	70%
fev-25	1,57%	0,99%	159%
jan-25	2,09%	1,01%	207%
dez-24	-1,06%	0,93%	-
nov-24	0,80%	0,79%	101%
out-24	0,02%	0,93%	2%
set-24	1,68%	0,83%	202%
ago-24	1,85%	0,87%	213%
jul-24	1,51%	0,91%	166%
jun-24	0,36%	0,79%	46%
mai-24	1,60%	0,83%	193%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2025	4,54%	4,07%	112%
2024	9,29%	10,87%	85%
2023	13,78%	13,05%	106%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,76%	4,40%	108%
2020*	5,54%	0,36%	1542%

*desde 22/10/2020

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 250.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração	1,00% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+28 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	45546-8
CNPJ	35.727.113/0001-78
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC II FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BR05L4CTF000

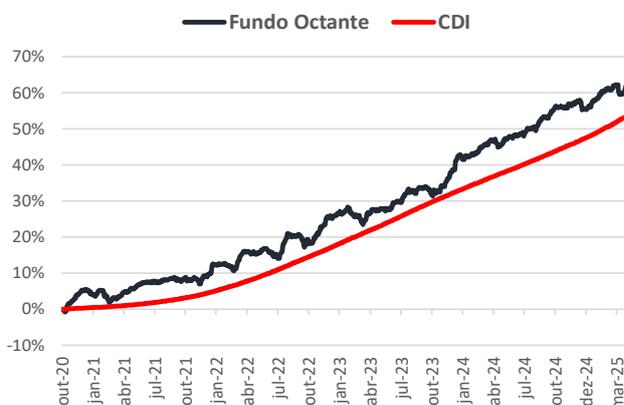
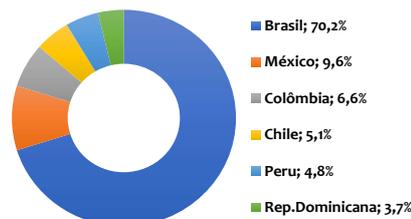
As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	72,7%
% de Meses de Retorno Negativo	27,3%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	4,68%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	2,84%
Índice Sharpe 12 meses	0,12
Valor da Cota em 30 de Abril de 2025	7.133,88
PL em 30 de Abril de 2025	64.783.504
PL Médio (12 meses)	64.160.522
PL do Master em 30 de Abril de 2025	117.355.036
Yield da Carteira de Bonds em USD	7,29%
Duration Média Consolidada	5,30 anos

RENTABILIDADE HISTÓRICA

COMPOSIÇÃO POR PAÍS


Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL
